

**Akunna: a narrativa do sujeito deslocado no conto “No seu pescoço”,
de Chimamanda Ngozi Adichie / *Akunna: The Narrative of the
Dislocated Subject in the Short Story “The Thing Around Your Neck,” by
Chimamanda Ngozi Adichie***

Edna Sousa Cruz^{*}
Larissa Sá Mota^{**}
Milene Oliveira Assunção^{***}

RESUMO

O presente artigo aborda questões relacionadas à experiência da diáspora, a situação da mulher negra imigrante afetada pela experiência de deslocamento geográfico, sob a perspectiva da literatura nigeriana de autoria feminina. Tem-se como objeto de estudo o conto “No seu pescoço”, integrante da coletânea de contos homônima, da autora Chimamanda Ngozi Adichie. O estudo objetiva discutir as problemáticas enfrentadas pela mulher negra em trânsito entre o continente africano e os Estados Unidos, bem como os conflitos no processo de construção identitária que circundam sua vivência em sociedades que a oprimem e a silenciam. A investigação norteia-se pela abordagem pós-colonialista, e problematiza-se o racismo cotidiano e genderizado a partir das representações construídas sobre a África e seus habitantes. A leitura analítica do objeto de estudo sinaliza que o conto “No seu pescoço” se afigura um tratado contra a vitimização da África e da mulher nigeriana.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura nigeriana; “No seu pescoço”; Mulher negra imigrante; Racismo

ABSTRACT

This paper addresses issues enmeshed with the experience of the diaspora, the situation of black immigrant women affected by the feeling of geographic dislocation, adopting the perspective of female-authored Nigerian literature. The object of study is the short story “The Thing Around Your Neck,” part of the collection of short stories of the same name, by the author Chimamanda Ngozi Adichie. The study aims to discuss the problems faced by black women in transit between the African continent and the United States, as well as the conflicts in the process of identity building that surround their lives in societies that oppress and silence them. The investigation is guided by the post-colonialist approach and problematizes both quotidian and gendered forms of racism grounded in the representations about Africa and its peoples. The analytical reading of the object of study

^{*} Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras, Campus Imperatriz, Imperatriz, Maranhão, Brasil; Bolsista produtividade UEMASUL; <https://orcid.org/0000-0001-7610-5560>; edna.s.cruz@uemasul.edu.br

^{**} Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras, Campus Imperatriz, Imperatriz, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0009-0002-9545-6993>; larissasahmota@gmail.com

^{***} Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Centro de Ciências Humanas, Sociais e Letras, Campus Imperatriz, Imperatriz, Maranhão, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-0953-0679>; mileneassnc@gmail.com

indicates that the short story “*The Thing Around Your Neck*” presents itself as a treaty against the victimization of Africa and Nigerian women.

KEYWORDS: *Nigerian literature; “The Thing Around Your Neck”; Black immigrant woman; Racism*

Breves considerações iniciais

O cenário dos estudos literários ainda é uma área desafiadora para investigadores que têm por objeto de pesquisa as literaturas africanas. Thayane de Araújo Morais (2017) classifica como uma das causas de desafio o fato de a literatura produzida em território africano ainda não ter conseguido romper com as barreiras impostas pelo preconceito social e estético, retroalimentado por representações do continente africano como um território exótico e rudimentar.

A construção e a propagação de imagens aniquiladoras sobre o continente africano têm, no período de sua colonização, seu nascedouro. O escritor e crítico literário nigeriano Chinua Achebe (2012) advoga que, na África, os colonizadores europeus estabeleceram uma relação com os povos colonizados regida por ações políticas que demarcavam a desigual relação de poder daqueles sobre estes. Para ele, a ideologia colonial, além de questões políticas e econômicas, teve, na educação, um dos principais instrumentos por meio do qual os mecanismos de alienação teriam sido introjetados na cultura dos povos colonizados. A estratégia do colonizador, segundo Achebe, atuaria com o intuito de deslegitimar a história, os símbolos e a cultura dos povos por ele colonizados e, no sentido inverso, para supervalorizar a metrópole, destituindo a *colônia* de qualquer valor.

Ao tensionar a herança histórica de séculos de espoliação colonialista, Achebe, em sua obra ensaística *A educação de uma criança sob o protetorado britânico* (2012), narrativiza suas memórias do colonialismo europeu, percorrendo sobre como as ações do colonizador teriam transformado a África em um continente condenado historicamente a representar o lado mais vergonhoso das atitudes humanas. Dessa obra faz parte o ensaio “O nome difamado da África”, no qual Achebe, a partir do que prenuncia no título, rechaça a construção ideológica de uma África primitiva e destituída de qualquer traço positivo.

Conforme o autor, os modos pauperizados de olhar a África, propagados por imagens depreciativas que justificavam o tráfico de humanos na condição de escravização, “[...] deu ao mundo uma tradição literária que agora, felizmente, está

extinta, mas deu também uma maneira particular de olhar [ou melhor, de não olhar] a África e os africanos que, infelizmente, perdura até hoje” (Achebe, 2012, p. 84). Esse imaginário racista e preconceituoso de se pensar a África a que alude Achebe retoma o discurso violento do colonizador, que ainda ecoa no tempo presente.

Utilizando-se de estratégias que atuaram subjugando as sociedades locais, o colonizador, ao difundir a imagem da África como um território atrasado, sem memória e sem valores, impôs um desvio existencial aos africanos, destituindo-os de qualquer traço de humanização. E, lançando mão de uma linguagem zoológica (Fanon, 1961) que, por desumanizar os africanos, animaliza-os, o colonizador propagou, então, a narrativa por ele criada de ser a África povoada por pessoas primitivas, personificadas como o outro, violento e ameaçador.

A propagação de um imaginário ocidentalizado acerca do continente africano é também problematizada pela escritora, conterrânea de Achebe, Chimamanda Ngozi Adichie (2019). A autora advoga que o perigo dessas imagens residiria na facilidade com que são absorvidas por aqueles que, por desconhecimento geográfico, enxergam a África não como um continente, mas como um país exótico, habitado por uma população predominantemente negra, desvalida e faminta que deve ser salva de sua miséria abundante.

Para Adichie (2019, p. 23), a construção de uma história única se opera pelo princípio de estruturas de poder e pelo desejo de um em ser maior que o outro e pela “[...] habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”. A questão que a autora levanta acerca da unicidade de uma história é a de que ela, ao blindar a capacidade de se pensar formas complexas, compromete a capacidade do sujeito em contrapor narrativas e de contar versões outras sobre um mesmo acontecimento.

É voz corrente que a hierarquização do discurso ocidental teve impacto de grandes proporções na construção da narrativa da África como continente subalternizado, no plano histórico e social. De modo a recuperar a imagem positiva da África, com base no ponto de vista dos africanos, escritores da literatura africana reivindicam o direito de narrar seu próprio passado por meio de questionamentos à suposta supremacia ocidental. Essa iniciativa de emancipação intelectual contrapõe o discurso único sobre a África, ao elaborar o discurso da diferença, no qual as produções literárias lançam questionamentos

aos estereótipos limitantes de sua pluralidade cultural. Nesse contexto de desmistificação do imaginário ocidental sobre o continente africano é que a literatura africana deve ser compreendida.

Na busca por fatos que fortaleçam as identidades nacionais, os escritores africanos se veem diante do desafio de impulsionar as narrativas locais, a fim de construírem conjuntos coesos de imagens e símbolos coletivos compartilhados pelas nações africanas. De acordo com Adilson Vagner de Oliveira e Agnaldo Rodrigues da Silva (2013), esse processo, apesar de ser gestado na coletividade, abre espaço para que escritores africanos trilhem percursos distintos na (re)interpretação da história, da política e dos conflitos culturais da África.

A título de exemplificação, temos a já citada Adichie, autora da coletânea de contos *No seu pescoço* (2017), especialmente quanto ao conto homônimo¹. Em seu processo narrativo, a autora dá centralidade ao impacto do colonialismo na vivência de suas personagens e às problemáticas sociais nigerianas, o que inclui a experiência da diáspora. Sua escritura atua na denúncia das mazelas sociais, questionando e revisando os papéis e estereótipos atribuídos ao sujeito historicamente marginalizado, de modo especial a mulher nigeriana, comumente representada sob o olhar do outro.

A estrutura do presente estudo divide-se em quatro seções, a contar desta parte introdutória; a segunda discorre sobre a tessitura da escrita adichieana, pontuando as temáticas com que ela se ocupa em problematizar em suas obras. Na terceira seção, contextualizamos e analisamos o conto “No seu pescoço”, levando em conta as situações de deslocamentos e as sucessivas atitudes de racismos cotidianos vivenciados pela protagonista. Posteriormente, tecemos as considerações finais e apresentamos as referências bibliográficas para o caso de pesquisas ulteriores.

1 A tessitura da escrita adichieana

A escritura literária africana de caráter pós-colonial vivencia um importante avanço na luta pela ruptura do eurocentrismo, não obstante o entendimento de que as marcas do colonialismo ainda continuam presentes na história recente desse continente.

¹ O título da coletânea e do conto homônimo, no original em inglês, é *The thing around your neck* (A coisa ao redor do seu pescoço), porém, na tradução brasileira, alterou-se para *No seu pescoço*, em ambos os casos.

Tomemos como exemplo a Nigéria, de onde se origina Adichie, autora do conto “No seu pescoço”, objeto de análise deste estudo. Mesmo após mais de meio século de sua independência da dominação inglesa, o país africano continua a vivenciar as consequências dessa colonização.

Nos anos que antecederam sua independência, a Nigéria foi regida por sucessivas constituições (1947, 1951 e 1954), as quais, pelo curto espaço de tempo entre uma promulgação e outra, evidenciam a dificuldade que os nigerianos teriam enfrentado no que se refere à construção de uma nação em bases democráticas. A fragilidade política de um país em nascimento tornou-se exposta, conforme explicam Xênia de Castro Barbosa e Márcia Letícia Gomes (2022), pelos diversos golpes de estado, ameaças de separação, disputas étnico-regionais, a guerra civil, historicamente conhecida como a Guerra da Biafra, e a inexistência de um projeto social que pudesse responder às necessidades da coletividade. A ausência de coesão social e a diversidade de interesses, nem sempre visando ao coletivo, teriam contribuído para a criação de barreiras internas, de modo que, “em 1960, na época de sua Independência, a Nigéria era um conjunto de fragmentos presos por um frágil fecho” (Adichie, 2008, p. 185), que, apesar de ter se constituído em termos legais como país, não se percebia como nação.

A independência da Nigéria foi marcada, assim, por fragmentação interna – motivada pelos interesses políticos e étnicos de cada região –, marginalização do povo igbo, rivalidades políticas e forte desconfiança mútua entre os grupos de cada região. Em comum, essas regiões tinham apenas a disputa pelo controle dos recursos do novo país. Uma das consequências dessa instabilidade sociopolítica, de acordo com Maitrayee Misra e Manish Shrivastava (2017), recaiu sobre o alto índice de famílias nigerianas das classes alta e média que optaram por enviar seus filhos para a Europa ou para os Estados Unidos (EUA), para estudar, trabalhar ou proteger-se das rivalidades internas. A Nigéria protagonizou, como informa Stuart Hall (2006, p. 81), um grande “[...] movimento de pessoas das periferias para o centro, num dos períodos mais longos e sustentados de migração ‘não-planejada’ da história recente”. Adichie se insere na lista de nigerianos que migraram para a América para estudar, concluindo, no ano de 2001, o curso superior em Comunicação e Ciência Política na Universidade de Connecticut.

Os fluxos migratórios, no contexto do conflituoso processo de independência da Nigéria, é uma das pautas problematizadas por Adichie e outros autores africanos. Em

meio aos turbulentos momentos políticos, escritores nigerianos usam a literatura como fonte de engajamento social, resistência e denúncia da realidade opressora vivenciada pela Nigéria, a exemplo dos demais países africanos. Conforme Priscilla de Carvalho Maia Ventura (2020, p. 262), o país, no esforço de transpor a dolorosa experiência da colonização, “[...] vê florescer composições literárias preocupadas em criticar a situação social do país, divulgar os horrores das guerras e resgatar as tradições que o colonizador tencionara apagar”. A literatura, afirma Ventura (2020), é, então, tomada, pelos autores nigerianos, em seu aspecto micro, como instrumento para a criação de um sentimento de consciência nacional a ser construído no processo de pós-independência e, no aspecto macro, como espaço de recusa à literatura e ao pensamento colonial.

Esse movimento de reescrita da história da África a partir do próprio sujeito africano intenta, como pontua Achebe (2012), reconduzir as pessoas de volta à África. Para Oliveira e Silva (2013), esse processo, apesar de ser gestado na coletividade, abre espaço para que escritores africanos trilhem percursos distintos na (re)interpretação da história, da política e dos conflitos culturais da África, problematizando-os por meio da literatura, por meio do seu estilo de escrita e das temáticas que abordam. Nessa conjuntura combativa e de resistência, a produção literária africana busca estabelecer um debate com as metrópoles, ao trazer à cena o resgate da história do povo e da cultura africanas, o direito ao passado e à memória que lhes foram negados.

Em se tratando de Adichie, o processo de renarrar a África é tomado como “projeto literário de reescrever a história da Nigéria” (Nunes, 2016, p. 130), contando histórias plurais, com um olhar que se contrapõe às concepções redutoras a respeito do que é a Nigéria. Em seu processo de construção narrativa, ela dá centralidade para o impacto do colonialismo na vivência de suas personagens e para as problemáticas sociais nigerianas, o que inclui a experiência da imigração e a questão da identidade transcultural, com especial atenção para o deslocamento feminino.

A temática do deslocamento, tão presente na escritura de Adichie, de acordo com Misra e Shrivastava (2017), traduz a própria experiência diaspórica da autora, para quem seu próprio deslocamento e a memória do espaço cultural nigeriano contribuíram, em seus escritos, para tensionar assuntos ligados à assimilação cultural e à moldagem de uma identidade transculturalizada. Uma vez que Adichie divide grande parte de seu tempo entre os EUA e a Nigéria, Misra e Shrivastava argumentam “[...] ser natural, para essa

escritora, retratar, de forma credível, a experiência em primeira mão dos indivíduos deslocados que se esforçam arduamente pela assimilação cultural, no país de acolhimento” (2017, p. 187; tradução nossa).² Ao construir personagens ficcionalizados que (con)fundem com a vida que ela mesma experiencia e que são (con)fundidas com as vivências do coletivo a que pertence (Evaristo, 2020), Adichie recorre à *escrevivência*, termo cunhado por Conceição Evaristo, para narrar a Nigéria contemporânea, conforme explica Luana Thibes (2022).

O termo *escrevivência* refere-se às experiências vivenciadas que são recuperadas por meio da escrita literária. Para Evaristo (2020), essa escrita é tecida no empenho das mulheres negras em se inserirem no mundo, com suas histórias, com suas vidas, estas, por vezes, desvalorizadas pela sociedade. Escrever a vivência, sustenta a autora, está para a existência, para o mundo-vida, para a vivência da condição de origem étnica, o que implica a afirmação de pertença e a celebração da ancestralidade. Isso porque, como a autora defende:

A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade (Evaristo, 2020, p. 35).

As ponderações de Evaristo acerca da *escrevivência* como uma escrita literária que não gira em torno de um sujeito individualizado, mas atravessado por uma coletividade, segundo Thibes (2022), abre espaço para se pensar um lugar de parentesco literário entre a escrita evaristiana e a adichieana. Tanto a escritura de uma como da outra atuam a partir da denúncia das mazelas sociais, ao questionar e revisar os papéis e estereótipos imputados ao sujeito historicamente marginalizado, em especial à mulher negra, comumente representada sob o olhar do outro. Adichie, ao trazer para sua escrita traços de si própria, tece seus enredos com as histórias de vida colhidas em seu entorno, mesclando suas experiências pessoais com as de suas personagens. A exemplo, citamos a coletânea de contos *No seu pescoço* (2017), a qual dialoga com as origens da autora.

² No original: “[...] it is natural for her to depict the first-hand experience of the dislocated individuals striving hard for cultural assimilation in the host country in a credible manner.”

Filha de professor universitário, Adichie vivenciou a dinâmica do Campus da Universidade de Nsukka, cenário de alguns dos contos. Assim como a autora, suas protagonistas fazem parte do mesmo grupo étnico, o igbo, e algumas migraram para o exterior (principalmente os EUA), seja para estudar, seja para obter melhores condições de vida. Ainda que episódios da autora se (con)fundam com as de suas personagens, nas escrituras de Adichie, as histórias são criadas para falar daquilo que não deveria ser esquecido ou ignorado. Adichie problematiza as consequências da Guerra de Biafra em *Meio sol amarelo* (2008) e *Hibisco roxo* (2011). Em *Americanah* (2014) e *No seu pescoço* (2017), ela tensiona o racismo sofrido por imigrantes africanos e as exclusões enfrentadas pela mulher negra em trânsito entre o continente africano e os EUA, e os conflitos no processo de construção identitária que circundam a realidade da mulher negra em sociedades que a oprimem e a silenciam.

2 Akunna e a narrativa do sujeito deslocado

No seu pescoço (2017) é uma coletânea com doze contos, por meio dos quais Adichie lança um olhar plural sobre o continente africano. Os contos dão centralidade à imigração, tensionando o choque cultural que afeta o sujeito em situação de deslocamento, o qual, ao experimentar a situação de mobilidade, tem que lidar com o preconceito cultural, racial e de gênero nesse ambiente desconhecido. Na obra, os enredos tecidos na perspectiva da experiência de quem deixa sua terra natal são tensionados pela problematização da consciência diaspórica e pelos conflitos políticos e religiosos que afetam aqueles que permanecem na Nigéria.

Cada conto da coletânea *No seu pescoço* é protagonizado por uma personagem feminina. As protagonistas de Adichie, por estarem presas entre duas culturas e sem referenciais nos quais possam se apoiar, são afetadas pelas constantes ameaças de apagamento cultural que permeiam os discursos que as constituem. Desapontamento, solidão e desespero são alguns dos sentimentos que, gradativamente, afetam o psicológico das protagonistas, desencadeando crises de identidades.

O conto “No seu pescoço”, parte da coletânea e objeto de estudo desta investigação, narra a história de uma jovem nigeriana da cidade de Lagos pertencente a uma família de baixo poder aquisitivo e que se vê em situação de deslocamento, ao ser

contemplada na loteria de visto americano. O ponto focal do enredo é a imigração da protagonista para os EUA e sua luta para encontrar, à sua maneira, um lugar no novo espaço cultural a que tem acesso. A imigração é problematizada a partir da situação de precariedade socioeconômica da Nigéria, o que justificaria a motivação da protagonista de deixar o país em busca de melhores condições de sobrevivência.

A história de Akunna é contada pelo ângulo de um narrador que imprime um tom especulativo aos acontecimentos que ela vivencia, seja em sua terra natal, a Nigéria, ou nos EUA, país para onde ela migra na pretensão de melhores condições de vida para si e seus familiares. A narrativa inicia com o vocativo *você* usado de modo genérico, possivelmente como estratégia de Adichie de aproximar a protagonista do senso de identidade imigrante, tecida em meio a uma narrativa de decepções pela qual transitam as muitas suposições ilusórias sobre a América.

A ideia propagada na Nigéria acerca da representação dos EUA como a terra da prosperidade financeira é desmitificada pelo narrador, ao mostrar-se compreensivo com Akunna quanto à sua desilusão, quando se depara com uma América muito diferente daquela que lhe haviam descrito:

Você pensava que todo mundo nos Estados Unidos tinha um carro e uma arma; seus tios, tias e primos pensavam o mesmo. Logo depois de você ganhar a loteria do visto americano, eles lhe disseram: daqui a um mês, você vai ter um carro grande. Logo, uma casa grande (Adichie, 2017, p. 125).

A imigração da protagonista, como sustenta Ode Ogede (2023), é alimentada pela representação do imaginário nigeriano de serem os EUA o lugar onde a riqueza se efetiva de modo instantâneo. Contudo, ao utilizar a loteria como metáfora, Adichie ressalta que obter o visto por meio de sorteio (em questão, o americano) é um feito raro, posto o elevado número de candidatos e o reduzido número de vagas. Não por acaso, ser sorteada é tomado, pelas pessoas do convívio de Akunna, como sorte grande. A obtenção do visto americano é celebrada, pela família de Akunna e *batalhões* de parentes e amigos, como um milagre, devido à crença de que os problemas financeiros seriam resolvidos em um *passe de mágica*.

Por outro lado, sobre o fascínio que os nigerianos demonstram ter pelos EUA, Cláudio R. V. Braga (2019) sustenta que essa imagem excessivamente idealizada

potencializa a expectativa frustrada e a decepção na diáspora, a qual toma forma, segundo o autor, quando a América real se revela ao imigrante. Essas expectativas, afirma Braga (2019), quando não correspondidas, transformam-se em frustrações de grandes proporções que parecem ter consequências avassaladoras sobre o sujeito diaspórico nigeriano nos EUA e agem potencializando os problemas por ele vivenciados.

A viagem de Akunna para os EUA remete às pessoas que ambicionam viver o *sonho americano*, mas se chocam com a hostil realidade de ser um imigrante. Eliana Lourenço de Lima Reis (2001, p. 129) aponta que “[...] o ‘sonho americano’ consiste na crença de que os Estados Unidos são inerentemente a terra da oportunidade, [...] o lugar em que o sucesso é um direito a ser reivindicado por qualquer cidadão que seja bem relacionado e benquisto [...]”. No entanto, para o imigrante, as oportunidades se mostram escassas: Akunna enfrenta dificuldades até mesmo para conseguir um trabalho, sujeitando-se a receber menos do que deveria, em um emprego que já não possui um salário justo, apenas para conseguir a vaga. Para a protagonista, conforme o tempo passa, o sonho vai se transformando em uma realidade difícil de suportar.

Em solo americano, a protagonista do conto enfrenta dificuldades em razão de sua condição de mulher-negra-imigrante-africana, qualificativos pelos quais a América dificilmente a veria com bons olhos. No confronto do *sonho americano* com a América real, a alegria de estar nos EUA torna-se desilusão ao se deparar com comportamentos que a inferiorizam, seja de modo sutil ou escancarado. A vivência de experiências traumáticas, como o preconceito acerca de sua origem, desigualdade de gênero e discriminação racial, é denotativa de que o movimento de sair de um espaço opressor para outro não necessariamente representa o fim da opressão.

Na América, Akunna é recebida pelo “irmão do marido da irmã de seu pai” (Adichie, 2017, p. 127), quem, pela proximidade deste com sua família, ela considerava como tio. Além de matriculá-la em uma universidade comunitária, o tio orienta-a sobre como se candidatar ao emprego em um posto de gasolina. Ele também lhe oferece moradia em sua casa, em que pese ser esta um porão apertado, espaço que ela dividia com caixas e embalagens velhas. Na casa do tio, a memória afetiva da protagonista sobre uma Nigéria agora distante era acionada por meio do uso da língua igbo e da culinária nigeriana sempre presente nas refeições. A calorosa acolhida do anfitrião e de sua família fez com que Akunna sentisse como se estivesse em sua própria casa. No entanto, as

benesses não lhe foram concedidas gratuitamente, o que logo ela veio a compreender quando o tio entrou no porão “[...] e puxou-a com força para perto dele, apertando sua bunda, soltando gemidos” (Adichie, 2017, p. 127). As sórdidas intenções por trás da aparente segurança afetiva que o tio lhe oferecia era por ele justificada pela lógica do favor de que, na América, é dando que se recebe.

O assédio sexual do qual Akunna fora vítima retoma uma memória discursiva sobre a subjugação feminina. De modo análogo ao estupro institucionalizado do qual as mulheres negras e escravizadas foram vítimas, conforme Angela Davis (1981), o tio, por ser o dono da casa, acreditava também ter direito ao corpo de sua hóspede. Para Davis, o estupro institucionalizado agia a partir da destituição da mulher negra de qualquer traço moral ou de humanidade. Além de potencializar a condição da vulnerabilidade da mulher, esse tipo de violência também disseminava a objetificação do corpo negro feminino, como moeda com a qual a mulher negra deveria pagar pelo seu sustento, ou pela redução dos castigos.

Não muito diferente do que Davis pontua, na opressão sexista vivenciada por Akunna, o corpo feminino negro é considerado objeto de uso e deleite, que deveria estar a serviço dos prazeres masculinos. Essa inferiorização do corpo também se estendia ao intelecto. Para o tio, as mulheres eram consideradas corpo sem mente, como se pode inferir no excerto a seguir: “Se você deixasse, ele faria muitas coisas por você. As mulheres espertas faziam isso o tempo todo. Como você achava que aquelas mulheres com bons salários em Lagos conseguiam aqueles empregos? E até as mulheres em Nova York?” (Adichie, 2017, p. 127). O condicional “se”, seguido dos questionamentos do tio de Akunna, evidencia haver uma expectativa da parte daquele de que esta renunciasse à sua autonomia em troca de uma vida confortável mantida à custa de favores sexuais. Essa negociação remete à ideia de que, na construção ideológica de gênero, as relações são definidas pelo servilismo do corpo feminino à dominação masculina.

A condição para desfrutar a vida cômoda que o tio acenava lhe oferecer reforça a ideia de que a mulher ainda sofre com o jugo da dominação masculina e aponta para o poder patriarcal que empurra o sujeito subalterno feminino, como afirma Gayatri Chakravorty Spivak (1988), para a mais profunda obscuridade. Ainda conforme a autora, o sujeito subalterno é aquele pertencente aos estratos sociais mais baixos constituídos por formas específicas de exclusão mercadológica, política e jurídica, bem como negação da

possibilidade de virem a ser membros plenos do estrato social dominante (Spivak, 2000). Akunna, enquanto mulher pobre e negra, proveniente de uma nação colonizada e sem voz política, preenche todos os requisitos que lhe conferem a condição de subalternidade: a da pobreza, a de origem, a do gênero, a da cor, qualificativos que fazem com que ela, mulher negra e imigrante, permaneça *no lugar* periférico que ideologicamente lhe fora demarcado.

Akunna se recusa a desfrutar a segurança de uma zona de conforto fundamentada em valores opressores. Ao se colocar em movimento, ela não toma o silêncio como proteção; ao contrário, transforma o silêncio em ação de resistência. Ao deixar a casa do tio, um novo deslocamento tem início, agora pelo interior dos EUA, mais precisamente Connecticut. Akunna consegue trabalho como garçoneiro, mas precisa abandonar os estudos, posto que ela

Não tinha dinheiro para fazer faculdade, pois agora pagaria aluguel pelo quatinho minúsculo. Além disso a cidadezinha de Connecticut não tinha uma universidade comunitária, e os créditos da universidade estadual eram caros demais. Então você ia à biblioteca pública, olhava a bibliografia das aulas nos sites das universidades e lia alguns dos livros. Às vezes você ficava sentada no colchão cheio de bolotas de sua bicama e pensava no seu país (Adichie, 2017, p. 128).

As vivências de Akunna na América são tecidas em meio a uma narrativa de decepção. Diferente da casa grande que ela foi induzida a acreditar que seria possível comprar no primeiro mês, ela tinha como moradia um quarto minúsculo onde dormia em um “colchão cheio de bolotas”. Braga (2019) argumenta que a falta de uma cama minimamente confortável para descansar depois de uma jornada extenuante de trabalho se caracteriza, de modo metafórico, na impossibilidade do repouso, na ausência de um espaço tranquilo e aconchegante para o sujeito diaspórico na sociedade que o recebe. As intranquilidades que a personagem vivencia se materializam na impossibilidade de ascensão econômica e de não corresponder às expectativas de ordem material dos parentes e de continuidade dos estudos.

A universidade passou a ser um lugar interdito para Akunna, por não haver, em Connecticut, universidade comunitária e ela não dispor de condições financeiras para arcar com o alto custo dos créditos na universidade estadual. Akunna, dada a sua condição de mulher e negra, encontra-se na base da pirâmide social, o que significa que ela faz

parte do grupo que mais trabalha e que menos ganha. Contudo, ela procurava contornar a barreira da falta de educação, criando mecanismos próprios de autoformação, já que, na dura realidade, em Connecticut, ela sobrevivia do trabalho irregular em um restaurante. A instabilidade financeira torna imperativo, para a protagonista, estar sempre em estado de alerta diante de percalços iminentes. No contexto negro-diaspórico tensionado na narrativa, essas questões são potencializadas, uma vez que, estando em um país dito desenvolvido e de *primeiro mundo*, as violências e subalternizações sofridas reproduzem, para a personagem, condições de vida semelhantes às daquelas das quais ela se empenhou para escapar.

3 O sujeito estigmatizado e as dores indizíveis do racismo

Em sua obra *Memórias da plantação: episódios sobre o racismo cotidiano* (2019), Grada Kilomba examina a atemporalidade do racismo cotidiano, fundamentando-se nos sentidos que as palavras *memórias* e *plantação* evocam. Para ela, tanto uma como outra afiguram-se retorno ao passado colonial, reencenação de um passado histórico que se presentifica na realidade traumática do racismo vivenciado pelo sujeito negro.

Ao definir o racismo, Kilomba pontua três características que o constitui, a iniciar pela construção de/da diferença na qual o sujeito negro é visto como diferente a partir da branquitude construída como ponto de referência. A relação simbiótica da diferença com valores hierárquicos é outro ponto nevrálgico, visto que essa marcação do sujeito como *diferente* é engendrada por meio da estigmatização, da desonra e da inferiorização. A autora também cita os poderes histórico, político, social e econômico, os quais, aliados ao preconceito, dão forma ao racismo.

Vivenciar a experiência do racismo, citando Kilomba (2019), é uma dor que, por não caber em palavras, torna-se indizível. Para ela, a opressão racial atua de forma cíclica: ao se manifestar no oprimido como uma dor física, traz consigo repercussões psíquicas, e esse sofrimento psicológico dá-se acompanhado por sensações corporais. No caso de Akunna, as dores físicas e psicológicas se manifestam nas rotineiras discriminações, experiências traumáticas e violências sistemáticas comumente presentes na história de vida de pessoas negras.

As situações cotidianas de racismo vivenciadas por Akunna a expunham a um padrão contínuo de abuso (Kilomba, 2019) que se repetia, com frequência, nos espaços por onde ela circulava. Ao longo do enredo, constantemente são descritas situações que a colocam diante de representações equivocadas acerca de sua cultura. Na universidade comunitária, ela se depara com o que Kilomba define como uma *dialética colonial*, circunstâncias em que o sujeito branco se situa como *normal* e a define como *excêntrica*:

Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas. Seu tio lhe disse que aquilo era esperado; uma mistura de ignorância e arrogância, foi como ele definiu (Adichie, 2017, p. 126).

O imaginário de uma África selvagem que transita nos questionamentos de que Akunna fora alvo soa como perpetuação de narrativas que refletem os discursos das velhas estruturas de poder e atuam com o objetivo de destituí-la de qualquer traço de humanização. Ela se depara com uma cultura hostil, que, por não ser receptiva aos seus traços fenóticos, fazem destes fatores de exclusão. Utilizando-se das indagações como formas de invasão e de controle que incorporam poder, as estadunidenses ao redor de Akunna, supostamente brancas, exercitam uma relação de poder que emerge nos confrontos a respeito das suas habilidades linguísticas, de sua origem e cabelo. Esses questionamentos, além da curiosidade, desnudam equívocos acerca do continente africano. A representação da África como lugar de incivilizados é ditada por uma pretensa hierarquia que delinea os EUA como uma nação civilizada e a África como um continente primitivo.

Vários são os episódios que indiciam que a visão do sujeito ocidental sobre os povos africanos ainda se alimenta das ficções do século XIX criadas pelos cientistas e escritores da época. O tio de Akunna, por exemplo, relata que “[...] vizinhos comentaram, alguns meses depois que ele se mudou, que os esquilos haviam começado a desaparecer naquela área. Disseram que tinham ouvido falar que os africanos comiam todo tipo de animal selvagem” (Adichie, 2017, p. 126). Também Akunna é alvo de especulações, olhares e discursos que a posicionam como *outra*, como informa o narrador:

Muitas pessoas no restaurante perguntavam quando você tinha chegado da Jamaica, pois achavam que qualquer negro com sotaque estrangeiro era jamaicano. Alguns que adivinharam que você era da África diziam que adoravam elefantes e queriam fazer um safári (Adichie, 2017, p. 130).

Faces outras do racismo cotidiano, que transitam nos episódios mencionados, são marcadas pela construção ideológica da diferença como valores hierárquicos. Na construção do imaginário preconceituoso que toma corpo por meio do racismo, Akunna e o tio tornam-se depósito tanto para os medos quanto para as fantasias dos americanos brancos com os quais interagem. Kilomba (2019, p. 78) defende que “no racismo cotidiano, a pessoa negra é usada como tela de projeções do que a sociedade branca tornou tabu”. Essa projeção, explica a autora, é uma estratégia que o branco utiliza para desviar a atenção de seu histórico de opressão; para isso, representações positivas sobre o branco e negativas sobre o negro são construídas. Este, a personificação do primitivo, do outro violento e ameaçador; aquele, decente, civilizado.

Em “No seu pescoço”, o racismo cotidiano vivenciado pela protagonista se torna mais evidente quando ela, ao mergulhar nos meandros de uma relação inter-racial, entra em conflito com sua identidade étnica. Seu envolvimento amoroso com um homem branco de olhos cor de azeite de oliva causava desconforto social, filtrado por Akunna nos olhares enviesados a ela dirigidos e pelo

[...] jeito como os grosseiros eram grosseiros demais e os simpáticos, simpáticos demais. As velhas e os velhos brancos que murmuravam e o encaravam, os homens negros que balançavam a cabeça para você, as mulheres negras com pena nos olhos, lamentando sua falta de autoestima, seu desprezo por si mesma. Ou as mulheres negras que davam sorrisos rápidos de solidariedade; os homens negros que se esforçavam demais para perdoar você, dizendo oi para ele de maneira excessivamente óbvia; os homens e mulheres brancos que diziam “Que casal bonito” num tom alegre demais, alto demais, como se quisessem provar para si próprios que tinham a mente aberta (Adichie, 2017, p. 136).

A protagonista Akunna, mulher nigeriana, a partir do relacionamento inter-racial em que se envolve, confronta-se com a realidade das hierarquias raciais existentes na América, algo inexistente em seu país em razão da considerável homogeneidade étnica e racial que o constitui. Oriunda de um país onde a cor da pele não é fator de grande

relevância, dado que a grande maioria das pessoas é negra, Akunna, citando Kabengele Munanga (2006, p. 20), é impactada “[...] pela tomada de consciência das diferenças, e não pelas diferenças em si [...]”, contexto no qual sua identidade negra é redefinida pelas construções ideológicas de raça e hierarquização social.

A cor da pele de Akunna, enquanto marcador de diferenciação social, atua como elemento de estigmatização no qual o racismo se fundamenta. A percepção do racismo que transita nos comportamentos que a personagem filtra manifesta-se nas expressões de estranhamento de uma sociedade não receptiva ao envolvimento de uma mulher negra e africana com um homem branco, americano e de classe social elevada. Essa intolerância afigura-se violência inter-racial praticada por pessoas que não conseguem enxergar a afetividade em *preto e branco* como algo construído. Essa violência insere-se no que Kilomba (2019) convencionou chamar de *racismo genderizado*.

Recorrendo a Essed (1991), Kilomba (2019, p. 99) explica que o racismo genderizado refere-se “[...] à opressão racial sofrida por mulheres *negras* [...] estruturada por percepções racistas de papéis de gênero”. Para essa teórica, a realidade da mulher negra é um fenômeno híbrido que atravessa o duplo fardo imposto pelo racismo e sexismo. Essa dupla opressão racial e sexual confina a mulher negra a um espaço vazio, o que torna impeditivo o reconhecimento da mulher negra como mulher, vez que esse espaço se sobrepõe à categoria racial. Nesse espaço de apagamento e vácuo, a mulher negra, antes de ser considerada como mulher, é vista como negra.

Akunna, enquanto mulher e negra, é vítima do racismo genderizado, pela associação de mulher de pele retinta como sujeito inferior. Essa associação que, ao que parece, é construída pelo retorno a uma memória coletiva sobre a mulher negra, estrutura-se na repetição da narrativa da colonização africana e subalternização feminina. O relacionamento inter-racial de Akunna, ao ser atravessado pelo racismo e sexismo, evidencia que essas categorias, por serem estruturais e estruturantes da sociedade, expõem a mulher negra à vulnerabilidade, à estigmatização e à violência imposta ao seu corpo negro.

Experiências de racismo genderizado tornam-se constantes na vida de Akunna, e era do lugar de estrangeira que ela se sentia suscetível às sutilezas dos estadunidenses acerca do preconceito contra relacionamentos inter-raciais. Em determinadas situações, o

não dito – o silêncio – falava tão alto quanto as verbalizações de cunho racista. É o que se apreende do episódio por ela vivenciado a seguir:

Certa vez, no Chang's, ele (o namorado) disse ao garçom que tinha ido recentemente a Xangai e que falava um pouco de mandarim. O garçom ficou animado, falou qual era a melhor sopa e depois perguntou: “Você tem namorada em Xangai agora?”. Ele deu um sorriso, sem dizer nada. [...] Aquele chinês presumiu ser impossível que você fosse namorada dele, e ele apenas sorriu sem nada dizer (Adichie, 2017, p. 134).

A representação da rejeição ao relacionamento inter-racial de Akunna se repete na incredulidade do garçom quanto a ela ser namorada de um homem branco, em que pese o casal ser frequentador assíduo do restaurante e as demonstrações públicas de afeto. A fala do garçom fortalece as microviolências marcadas pelo racismo cotidiano e o racismo genderizado. Por sua vez, uma dupla colonização é evidenciada no sorriso e no silêncio do namorado de Akunna. Ao sorrir sem nada dizer, ele deixa subentendido ser mais provável um relacionamento amoroso entre um branco e uma mulher asiática do que de um branco com uma mulher africana.

Apesar de o namorado de Akunna submetê-la a uma espécie de objetificação subliminar, dado que o interesse que ele nutria por ela parecer ser, inicialmente, uma extensão do interesse que ele demonstrava ter por coisas exóticas, ele era a única pessoa que a fazia sentir-se visível. Entretanto, no decorrer da narrativa, ele vai deixando vestígios de iniciativas de dominação advindas de sua visão estereotipada de outros povos. Com avidez, busca por histórias que confirmem seu imaginário sobre a subalternidade de outras culturas em relação à cultura americana. De modo sutil, tenta convencê-la a se adequar aos padrões americanos. Presentes como roupas e sapatos que não condizem com o estilo de Akunna exemplificam seu esforço para americanizá-la. Para Akunna, sujeito que fora colocado em uma posição de outridade em relação ao sujeito branco, resta a experiência de conviver com uma imagem *alienada de si mesma*, pois suas reais imagens e identidades não são exóticas o bastante.

O que chama à atenção, nessa relação, é que ela acaba por ser o estopim para o rompimento da inércia em que Akunna se encontrava. Aquilo que se enroscava ao redor do pescoço dela e que lhe provoca sensação de sufocamento começa a afrouxar (Adichie, 2017). A sensação de asfixia começa a diminuir à medida que ela questiona as concepções

errôneas do namorado e, gradativamente, volta a se sentir dona de sua voz, até recuperá-la por completo, criando coragem para escrever para a família e voltar para casa.

Considerações finais

A narrativa tecida em “No seu pescoço” é costurada a partir da experiência de mobilidade e da problematização dos conflitos comuns ao sujeito diaspórico, ao trazer, para o centro, o sujeito subalterno, aqui entendido como a mulher-negra-nigeriana-imigrante. A problemática sobre ser mulher nigeriana na América é pensada por Adichie (2017) com base na perspectiva de ruptura dos estigmas e estereótipos que cercam o sujeito da diáspora.

As experiências da protagonista como sujeito imigrante abrem possibilidades para a compreensão de como a violência psicológica, o silenciamento, a intolerância cultural e a desigualdade social afetam profundamente a saúde emocional do sujeito em trânsito. Por esse viés, a ficção adichieana problematiza o racismo estrutural ao revelar situações em que o sujeito migrante é oprimido pelo racismo naturalizado, pela xenofobia e por preconceitos diversos.

No conto, Adichie, ao tensionar os modos como a protagonista, enquanto sujeito diaspórico, filia-se a identidades distintas em diferentes espaços, chama atenção para a importância de se desnaturalizar estereótipos sobre os imigrantes africanos. Em “No seu pescoço”, a narrativa adichieana apresenta-se como importante instrumento literário na desconstrução do imaginário mitificado sobre a África e a mulher africana.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. O nome difamado da África. In: ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico*: ensaios. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. pp. 82-99.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Meio sol amarelo*. Tradução Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. No seu pescoço. In: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. pp. 125-138.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARBOSA, Xênia de Castro; GOMES, Márcia Letícia. Meio sol amarelo: a guerra civil nigeriana entre a História e a Literatura. *Conjecturas*, [S. l.], v. 22, n. 1, pp. 917-942, jan./fev. 2022. DOI: <https://doi.org/10.53660/CONJ-556-101>.

BRAGA, Cláudio R. V. *A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.

DAVIS, Angela. *Women, Race, & Class*. New York: Random House, 1981.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. pp. 26-46.

FANON, Frantz. *Les damnés de la Terre*. Paris: François Maspéro, 1961.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MISRA, Maitrayee; SHRIVASTAVA, Manish. Dislocation, Cultural Memory & Transcultural Identity in Select Stories from *The Thing Around Your Neck*. In: EMENYONU, Ernest N. (ed.). *A Companion to Chimamanda Ngozi Adichie*. Woodbridge; Rochester: Boydell & Brewer, 2017. pp. 185-198.

MORAIS, Thayane de Araújo. *Há coisas em volta do teu pescoço: questões de gênero em Chimamanda Ngozi Adichie*. 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

MUNANGA, Kabengele. Construção da identidade negra no contexto da globalização. In: DELGADO, Ignacio G.; ALBERGARIA, Enilce; RIBEIRO, Gilvan; BRUNO, Renato (org.). *Vozes (além) da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africanas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006. pp. 19-41.

NUNES, Alyxandra Gomes. Chimamanda Ngozi Adichie: trajetória intelectual e seu projeto literário. *África(s)*, Alagoinhas, v. 3, n. 5, pp. 129-145, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/african/article/view/4039>. Acesso em 11 mar. 2024.

OGEDE, Ode. Allegory, Migration, Mock-Epic, and Unspeakable Subjects: The Lure of Glamour, Empire of Material Things (Okey Ndibe's *Foreign Gods, Inc.*). In: OGEDE, Ode. *Nigeria's Third-Generation Literature: Content and Form*. London: Routledge, 2023. pp. 71-112.

OLIVEIRA, Adilson Vagner de; SILVA, Agnaldo Rodrigues da. Literatura e história: estudo sobre A Revolta da Casa dos Ídolos e Bom Dia, Camaradas. *Athena*, Cáceres, v. 4, n. 1, pp. 1-11, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/200>. Acesso em 21 mar. 2024.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. O que restou do “sonho americano”? *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 7, pp. 127-145, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5750>. Acesso em 27 mar. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (Eds.). *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana; Chicago: University of Illinois Press, 1988. pp. 271-313.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Foreword: Upon Reading the *Companion to Postcolonial Studies*. In: SCHWARZ, Henry; RAY, Sangeeta (Eds.). *A Companion to Postcolonial Studies*. Oxford: Blackwell, 2000. pp. xv-xxii.

THIBES, Luana. A Nigéria contemporânea por Chimamanda Ngozi Adichie: engajamento social no romance pós-colonial. *Abatirá: Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, Eunápolis, v. 3, n. 6, pp. 7-30, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/15604>. Acesso em 26 fev. 2024.

VENTURA, Priscilla de Carvalho Maia. Por uma (re)construção do sujeito feminino afrodiaspórico: uma leitura de *Hibisco Roxo*, de Chimamanda Ngozi Adichie. *REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS*, Campo Grande, v. 1, n. 24, pp. 262-282, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/5031>. Acesso em 11 mar. 2024.

Recebido em 30/04/2024

Aprovado em 12/02/2025

Declaração da contribuição de autores

As autoras do artigo “Akunna: a narrativa do sujeito deslocado no conto ‘No seu pescoço’, de Chimamanda Ngozi Adichie” declaram abaixo suas contribuições individuais para a produção deste artigo:

Edna Sousa Cruz: concepção da proposta, análise e interpretação dos dados; escrita do artigo; aprovação final da versão a ser publicada; e responsabilidade por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Larissa Sá Mota: concepção da proposta, análise e interpretação dos dados; escrita do artigo, aprovação final da versão a ser publicada.

Milene Oliveira Assunção: concepção da proposta, análise e interpretação dos dados; escrita do artigo, aprovação final da versão a ser publicada.

Declaração de disponibilidade de conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer II

O artigo está em consonância com o título. O objetivo do trabalho está claramente exposto e o desenvolvimento é coerente e as partes estão bem encadeadas. O desenvolvimento do artigo está em conformidade com a teoria proposta, demonstrando o bom uso da bibliografia, que é atual e relevante. Conquanto apresente um encadeamento de ideias muito bem estruturado, o texto não apresenta temática original, visto que há muitos outros autores que analisaram esse conto nesse mesmo enfoque. A contribuição que identifiquei no texto para o campo de conhecimento reside nas considerações iniciais e na reflexão sobre a tessitura da escrita adichieana. No geral, a linguagem é clara e adequada a um trabalho científico. Há, entretanto, pequenos deslizos de redação que podem ser, evidentemente, contornados pelo autor, não comprometendo, assim, a avaliação do texto.

Ex1. A regência do verbo atribuir na frase abaixo:

Thayane de Araújo Moraes (2017) atribui como uma das causas de desafio o fato de a literatura produzida em território africano ainda não ter conseguido romper com as barreiras impostas pelo preconceito social e estético [...].

Ex2. Concordância de EUA em:

A ideia propagada na Nigéria acerca da representação da América como a terra da prosperidade financeira é desmitificada pelo narrador, ao mostrar-se compreensivo com Akunna quanto a sua desilusão ao se deparar com um EUA muito diferente daquele que lhe haviam descrito.

Conforme explicitado no parecer, apesar de o artigo analisar o conto em uma perspectiva já bastante explorada, as duas partes anteriores à análise propriamente dita (que está correta em sua proposta) oferecem algum diferencial ao texto, justificando a sua publicação. CORREÇÕES OBRIGATÓRIAS [Revisado]

Shirley de Souza Gomes Carreira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-8787-8283>; shirleysgcarr@gmail.com

Parecer emitido em 31 de maio de 2024.

Editores responsáveis

Beth Brait

Elizabeth Cardoso

Maria Helena Cruz Pistori
Paulo Rogério Stella
Regina Godinho de Alcântara